

## CORPOREIDADE INTERSEX: CAMINHO PARA CONSTRUÇÃO DE SABERES E CUIDADOS INTERDISCIPLINARES

Ana Karina Canguçu-Campinho (1); Andrea Santana Leone de Souza (2); Isabel Maria Sampaio  
Oliveira Lima (3);

*Universidade Federal da Bahia, karinafc@ufba.br; Universidade Federal da Bahia, andrealeoneadv@gmail.com;  
Universidade Católica do Salvador, imsol@gmail.com*

### Resumo

A intersexualidade envolve anatomias sexuais/reprodutivas congênitas que divergem do socialmente esperado para homens ou mulheres. As fronteiras que pretendem delimitar os corpos masculinos e os corpos femininos ficam borradas, não sendo possível eleger um único caractere que defina o sexo. Os corpos intersex ocuparam lugares distintos ao longo da história da humanidade, no entanto os significados conferidos a estas corporeidades sempre convergiram no sentido da marginalização e desvalorização da diferença. Neste estudo apresentaremos a atuação de uma equipe multiprofissional de um serviço que se tornou referência no atendimento às pessoas intersex. O destaque é dado à demanda de reformulação de saberes e práticas profissionais no atendimento a um jovem nascido com corporeidade intersex. A partir dos diálogos interdisciplinares oriundos desta experiência e de outros acompanhamentos às pessoas intersex foi possível a elaboração de uma cartilha para família de pessoas intersex. Tem a equipe de saúde um papel primordial na desmistificação da condição de intersexo e na promoção da saúde integral das pessoas intersex. A integralidade se apresenta como um princípio fundamental contribuindo para promoção de uma vida digna. O horizonte para promoção da dignidade das pessoas intersex passa, entre outras instâncias, pela acessibilidade aos serviços de saúde. As tecnologias e terapêuticas precisam estar à serviço das pessoas intersex nas suas várias etapas da vida, mas devem situar-se a partir do compromisso ético de não medicalização ou mesmo da psicologização da vida. Interdisciplinaridade, nesta circunstância da intersexualidade, integra, além da construção de novas epistemologias, a reformulação de uma ética da dignidade.

**Palavras-chave:** intersexo, intersexualidade, interdisciplinariedade, dignidade.

### Corporeidade intersex

A intersexualidade revela a complexidade da categoria sexo e envolve anatomias sexuais/reprodutivas congênitas que divergem do socialmente esperado para homens ou mulheres (CANGUÇÚ-CAMPINHO, 2012). As fronteiras que pretendem delimitar os corpos masculinos e os femininos ficam borradas, não sendo possível eleger um único caractere que determine ou revele o sexo. A primazia dos cromossomos passa a ser questionada. A pergunta que eclode diante da certeza até então reconhecida também se estende para outros elementos, tais como: gônadas, hormônios, genitais internos, genitais externos entre outros considerados tradicionalmente pela medicina e pela biologia como elementos de determinação e diferenciação sexual. A complexidade do processo de definição do sexo e os estudos atuais sobre a intersexualidade demandam a inclusão da dimensão histórico-cultural. Vão, portanto, além do olhar sobre os gêneros, mas, principalmente, sobre os sexos. Considera-se assim tanto o componente social quanto o cultural dos parâmetros biológicos de identificação do sexo.

Ao longo da história da humanidade, os corpos intersex ocuparam lugares distintos, no entanto os significados conferidos a estas corporeidades convergiram no sentido da marginalização e desvalorização da diferença. A percepção sobre a existência intersex não é neutra, o tempo, o contexto e poderes hegemônicos se apresentam como dimensões relevantes a construção de sentidos sobre os “corpos possíveis” e os “abjetos” (BUTLER,2011), ou seja, corpos e existências reconhecidos ou marginalizados por uma coletividade.

No campo de atuação médica do Brasil a abjeção do corpo intersex tem estreita relação com os saberes biomédicos. Estes conferem a nomenclatura DDS-Distúrbio da Diferenciação Sexual ou ADS- Anomalia do Desenvolvimento Sexual (MACIEL-GUERRA E GUERRA-JUNIOR, 2010) para tratar das corporeidades intersex. Nesta perspectiva, ainda hegemônica no campo da saúde, a intersexualidade é situada como uma patologia e uma emergência médica e/ou social (DAMIANI, GUERRA-JUNIOR, 2007). Ainda que existam situações em que a criança intersex precise de um atendimento prioritário e de emergência, como no caso de desidratação infantil, não se justifica intervenções no corpo que ultrapassem o estabelecimento e manutenção da sua saúde física. Algumas intervenções cirúrgicas em crianças intersex se apoiam no temor de a “ambiguidade genital” possibilite uma identidade ambivalente (CANGUÇU- CAMPINHO, 2012). Estas intervenções corporais têm como pressuposto uma pretensa atuação de caráter interventivo. Desta forma, crê-se que o apagamento da “ambiguidade genital” teria o condão de conferir a estabilidade de gênero.

Ainda que no contexto atual brasileiro o discurso de anormalização dos corpos intersex seja predominante, identificamos algumas posições críticas quanto aos gerenciamentos e tentativas de normatização dos corpos intersex. Estas posições incluem distintos campos como o ativismo (Fan page “Visibilidade intersexo”) e os campos acadêmicos / profissionais (LIMA; SOUZA; GUIMARÃES; CANGUÇU-CAMPINHO, 2015; MACHADO, 2015).

### **Identidade de gênero e corporeidade intersex**

A dimensão de gênero se configura como uma das principais características identitárias humanas, sendo, por sua vez, auto referenciada. Este aspecto da identidade de gênero implica na sua estreita relação com os sentimentos e percepções do próprio sujeito que a experiencia.

Identidade de gênero é um conceito que se refere ao senso de pertencente a um gênero específico, isto envolve dimensões internas e externas do sujeito. Trata-se de um produto da relação individuo-sociedade sendo, portanto, um processo em constante transformação (CANGUÇU-CAMPINHO; BASTOS; LIMA, 2014, p.3).

As identidades de gênero se configuram e em processo, não são estanques e podem implicar em metamorfoses que envolvem experiências e sentidos do próprio sujeito diante do seu corpo, história pessoal e contexto social. Compreendemos que as identidades de gêneros “são construídas e reconstruídas ao longo do tempo e estão associadas a representações pessoais sobre os corpos, sexo, gênero, que é idiossincrático ao seu contexto cultural, e correlaciona elementos que são dialogicamente integrados: tempo, corpo e cultura”. (CANGUÇU-CAMPINHO, BASTOS, LIMA, 2014)

A identidade de gênero difere da orientação sexual, uma vez que esta última se refere ao desejo, à atração afetiva/sexual sentidas pelos indivíduos e a primeira se refere a como a pessoa percebe e sente seu gênero. Segundo Jesus (2012) a orientação sexual se refere a atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade e difere do senso pessoal de pertencer a algum gênero.

Assim como na população não intersex, na população intersex também existem pessoas que expressam divergência entre o seu sexo de criação e sua identidade de gênero. Nesta direção a identidade de gênero em pessoas com a corporeidade intersex podem se expressar de distintas formas: feminina, masculina, masculina e feminina, nem masculina nem feminina e outras.

As corporeidades intersex também evidenciam a heterogeneidade das identidades de gênero, sendo possível que pessoas nomeadas, pelo campo médico, com o mesmo “diagnóstico etiológico” expressem identidades de gênero distintas. Esta observação possibilita ruptura da certeza presente em protocolos médicos de atuação no campo da intersexualidade. Podemos assim questionar a ideia de causalidade única e de naturalização das identidades de gênero.

### **Corporeidade intersex e atenção à saúde**

No Brasil a assistência ao recém-nascido intersex e sua família tem revelado a insuficiência dos conhecimentos disciplinares, além do despreparo técnico e éticos de alguns profissionais de saúde. Os centros especializados são ainda limitados, sendo acessíveis a uma parcela reduzida da população intersex.

Na formação acadêmica dos profissionais de saúde (médicos, psicólogos, enfermeiros e outros) a temática intersex é pouco discutida. No entanto quando esta temática é abordada persiste a exotização ou percepção da intersexualidade como “anomalia rara”.

A dimensão da humanidade do sujeito é muitas vezes obscurecida pela curiosidade que se associa ao desejo do conhecimento. Os órgãos sexuais/ genitais se tornam muitas vezes o centro das práticas em saúde em detrimento da experiência vivenciada pela criança e sua família. Neste cenário, o cuidado integral se apresenta como uma dimensão fundamental.

A atenção à saúde da criança intersex exige a articulação de saberes e práticas dos diversos campos disciplinares na direção de um saber interdisciplinar e dialógico que tenha a centralidade no sujeito intersex.

Apresentaremos em seguida um relato de experiência contextualizada em um Serviço de referência às pessoas intersex na região nordeste do Brasil. A equipe de saúde é composta por psicólogo, endocrinologista, pediatra, geneticista e urologista.

Este relato permite refletir sobre a configuração do saber interdisciplinar como dimensão necessária ao cuidado ao ser.

## **Construindo saberes e práticas interdisciplinares: História de Danilo**

Danilo, nome fictício, nasceu com uma corporeidade intersex. Seus cromossomos sexuais são XX, possui ovários, útero e uma produção elevada de andrógenos, inclusive pré-natal. Como consequência da ação destes hormônios apresentou “ambiguidade genital” ao nascimento.

Sua família tem poucos recursos financeiros e após o parto e diante da constatação de um órgão sexual “não típico” buscou atendimento em um Hospital Universitário na região sudeste do Brasil. Na infância foi socializado como do gênero feminino e as cirurgias realizadas neste período foram na direção de manutenção de uma linearidade sexo-gênero-sexualidade. Ou seja, foram realizadas cirurgias feminilizantes.

Aos 18 anos, Danilo se mudou para uma capital do Nordeste e chegou a um serviço especializado em atendimento a pessoas intersex apresentando questões a relativas à sua relação social, registro civil e modificações corporais.

Danilo se identifica como do gênero masculino e aproveita a mudança de residência para fazer sua transição. Passa a se apresentar com um nome masculino e escolhe roupas que ele próprio considera “mais masculinas” como camisetas, regatas e bermudões.

A vivência de Danilo demandou transformações conceituais e práticas para a equipe de saúde. Foi necessária uma atuação conjunta da equipe na direção da integralidade à saúde de Danilo. Desta forma, além da disponibilização de acompanhamentos médicos e psicológicos, também foi incluída a mudança do seu registro civil como importante estratégia de cuidado à saúde integral.

Foram realizados quatro encontros com a presença de Danilo, profissionais de direito e de psicologia. Nestes encontros Danilo narrou suas sensações e sentimentos diante do seu corpo e da sua história e foram planejadas ações que assegurasse a Danilo uma melhor condição de vida.

Considerou-se que a mudança de registro civil promoveria implicações individuais (integração entre seu sentimento de ser homem e o nome que o representa) e coletivas (menos sofrimento no cotidiano escolar e nas rotinas de acompanhamentos médicos) na vida de Danilo. O tratamento médico também foi adaptado de acordo com a identidade de gênero expressa por Danilo.

Após a mudança do registro civil e alguns encontros psicoterapêuticos, Danilo relata:

“Hoje estou feliz, realizado. Sou Danilo, sabe! Já posso voltar para escola e até para o médico que tava adiando com medo de me chamarem por aquele outro nome, sabe....Foi um renascimento”.

## **Cartilha: Dignidade da criança intersex**

A partir desta experiência e de acompanhamentos às outras pessoas intersex, foi possível a elaboração de uma cartilha para família de pessoas intersex publicada em 2014. (CANGUÇÚ-CAMPINHO E LIMA, 2014). O processo de elaboração desta cartilha exigiu diálogos que ultrapassassem as limitações disciplinares e possibilitassem a configuração de pensamentos e saberes interdisciplinares. No cerne destes saberes estão os questionamentos sobre as bases normativas e binárias dos pensamentos sobre a intersexualidade.

A corporeidade intersex é considerada como uma diversidade do corpo, uma condição de nascença, não uma anormalidade dos órgãos sexuais. O senso de gênero não é determinado pelo sexo, é um processo que envolve a experiência da criança intersex com seu corpo, sua subjetividade e os signos produzidos pela sua família e cultura.

A cartilha teve como público principal famílias de crianças intersex, no entanto também foi identificada a demanda de profissionais da atenção básica pelo acesso a este material. A dimensão da saúde coletiva, proteção da criança e dignidade humana foram elementos inspiradores da cartilha. Um dos objetivos da cartilha é possibilitar reflexões que levem a desmistificação social das intersexualidades, considerando-as como variedade corporal e não uma anomalia.

A elaboração deste material resultou da experiência dos autores neste Serviço de referência. Foram mais de duas décadas de acompanhamento de famílias, crianças, adolescente e adultos intersex. A família foi compreendida como instância primordial para a promoção da saúde psíquica e física da criança. O acolhimento à família implica em uma posição empática e ética do profissional. A integridade psíquica da criança e a relação familiar deve ser o cerne de todas as ações problematizadas pela equipe.

A linguagem usada na interação com a criança e que substancie a participação desta nas tomadas de decisões devem acompanhar seu estágio de desenvolvimento. As ações dos profissionais da saúde devem estar alinhadas à família no sentido de favorecer a criança no estabelecimento de um contato corpo-subjetividade genuíno, tornando possível a experiência de uma corporeidade intersex. A idealização e elaboração da cartilha teve como premissa o papel fundamental da família no desenvolvimento infantil da criança intersex e para tanto novos saberes e práticas precisavam ser implementados.

## **Campo interdisciplinar e a dimensão da dignidade**

“A complexidade da situação de intersexo demanda articulações inovadoras entre as disciplinas que possibilitem a criação de novos saberes e práticas. A interdisciplinaridade torna-se mais que necessária, torna-se imprescindível” (CANGUÇÚ-CAMPINHO, LIMA, SOUZA, 2015). A desconstrução das fronteiras disciplinares e a configuração de um saber mais complexo permite a elaboração de novos conhecimentos sobre sexo, gênero, sexualidade e intersexualidade, e articulação de um campo interdisciplinar em que as condutas técnicas estejam fundamentadas na dimensão integrativa da dignidade humana da pessoa intersex.

O cuidado integral da pessoa constitui o eixo norteador de todas as ações em saúde. Sobretudo em relação à intersexualidade, guarda o princípio da integralidade<sup>1</sup> uma relação intrínseca com a perspectiva de uma vida digna.

O horizonte para promoção da dignidade das pessoas intersex passa pela disponibilidade de acesso aos serviços de saúde. As tecnologias e terapêuticas precisam estar à serviço das pessoas intersex nas suas várias etapas da vida, mas devem situar-se a partir do compromisso ético de não medicalização ou mesmo psicologização da vida. Torna-se relevante reconhecer que as terapêuticas e intervenções estão circunscritas ao campo do direito à saúde (LIMA, 2002) e envolvem as especificidades inerentes aos diferentes universos subjetivos e culturais, tendo como princípios norteadores das práticas em saúde: a beneficência e autonomia da pessoa.

A promoção da dignidade das pessoas intersex também se conecta com a necessidade de desnaturalização do arranjo linear e hierarquizado “sexo-gênero-sexualidade”. Nesta direção, questiona-se a ideia de que o sexo determina como a pessoa se sente em relação a seu gênero e sua sexualidade, problematizando a centralidade da perspectiva heterossexual e cisgênera<sup>2</sup>. No contexto da intersexualidade, a interdisciplinaridade envolve, além da construção de novas epistemologias, a reformulação de uma ética da dignidade.

## Referências

BUTLER, J. Bodies that matter. On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge; 2011.

BUTLER, J. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2015.

CANGUÇÚ-CAMPINHO, A.K. Aspectos da construção da maternidade em mulheres com filhos intersexuais. Dissertação [Mestrado Saúde Comunitária]- Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia; 2008.

CANGUÇÚ-CAMPINHO, A.K. A construção dialógica da identidade em pessoas intersexuais: o X e o Y da questão. Tese [Doutorado em Saúde Pública] - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia; 2012.

CANGUÇÚ-CAMPINHO, A.K.; LIMA, I.M.S.O. Dignidade da criança em situação de intersexo: orientações para família. UFBA/UCSAL, 2014.

CANGUÇÚ-CAMPINHO, A.K.; BASTOS, A.C.S; LIMA, I.M.S.O. Gender identity in intersex adults: the interplay of voices and silences. In: Salvatore S, Genarro A, Valsiner J. Multicentric Identities in a Globalizing World, IAP: Charlotte, NC; 2014. p.3-20.

CANGUÇÚ- CAMPINHO, A.K; LIMA, I.M.S.O; SOUZA, A.S.L. Diálogos multidisciplinares: a construção de uma cartilha para famílias de crianças em situação de intersexo. In: Anais do Seminário Enlaçando Sexualidades; 2015: Salvador, Brasil. Salvador: UNEB, 2015.

<sup>1</sup> Utilizo o termo integralidade proposto por Mattos (2001) quando considera que a “ integralidade implica uma recusa ao reducionismo uma recusa à objetivação dos sujeitos e talvez uma afirmação da abertura para o diálogo”.

<sup>2</sup> De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus (2012) cisgênero é um conceito para definir pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado no momento de seu nascimento. São pessoas não trans.

DAMIANI, D.;GERRA-JUNIOR, G. As Novas Definições e Classificações dos Estados Intersexuais: o Que o Consenso de Chicago Contribui para o estado da arte? Arq Bras Endocrinol Metab 2007: 51-56

FREITAS, J.; MACHADO, P.S. Rastreamento de Corpos, produzindo sexos: a inserção da Hiperplasia Adrenal Congênita no teste do pezinho. Mediações 2015 jan/jun; 20 (1): 130-150.

JESUS, J.G. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos, Brasília Dezembro, 2012.

LIMA, I.M.S.O. Direito à saúde: garantia de direito humano para criança e adolescente. Tese [Doutorado em Saúde Pública] - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia; 2002

JESUS, J.G. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos. Brasília: Autor; 2012.

LIMA, I.M.S.O; SOUZA, A.L; GUIMARÃES, J.; CANGUÇÚ- CAMPINHO, A.K. Intersexuality and Discrimination: Silences as family, In: Tomás J, Epple, N. Sexuality, Oppression and Human Rights. Oxford, United Kingdom: Inter-Disciplinary Press; 2015.

MACIEL-GUERRA, A.T. GUERRA -JUNIOR G. Menino ou Menina? Distúrbio da Diferenciação do sexo. Rio de Janeiro: Ed Rubio; 2010.

MATTOS, R.A. Os sentidos da integralidade: algumas reflexões acerca de valores que merecem ser defendidos. In: Pinheiro R, Mattos RA. Os sentidos da integralidade na atenção à saúde e no cuidado à saúde. Rio de Janeiro: UERJ/IMS; 2001, p.39-64.